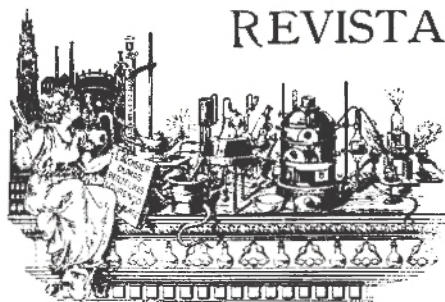




REVISTA DE QUÍMICA PURA E APLICADA

IV SÉRIE — IV ANO — 1953
(VOL. XXXVI DA COLECÇÃO)

CONSELHEIRO FERREIRA DA SILVA

A data de 28 do corrente regista a passagem do centenário do nascimento do Conselheiro Ferreira da Silva. Quis o meu eminente amigo Professor Abílio Barreiro, com a sua proverbial fidalguia, juntar ao coro das grandes homenagens a serem prestadas ao maior químico de Portugal — A Voz do Brasil. — Em face de convite tão honroso não havia recusá-lo. De facto, manteve com o Mestre um intercâmbio só interrompido pela morte.

Quando fazia o meu noviciado no Laboratório Nacional de Análises surgiu a célebre questão da suposta salicilagem dos vinhos portugueses. Ferreira da Silva assumiu o posto de comando. Com o brilho da sua invulgar inteligência, profunda cultura e invejável capacidade de trabalho, esmiuçou os vários aspectos do problema e defendeu galhardamente a honorabilidade dos vinicultores lusitanos. Mas, os brasileiros abroquelados na clássica reacção do cloreto férrico de valor indiscutível, na época, mantinham-se irredutíveis. Ferreira da Silva não desanimava, pois, a sua envergadura de lutador não permitia recuos. Era incansável em reunir provas, em fazer experimentações de laboratório. Solicitou pareceres dos mais notáveis bromatólogos e todos concordavam com as suas conclusões. No balanço final apareceu a explicação do facto causador das divergências. Em certas castas de uvas de Bastos e Torres Vedras verificava-se uma reacção semelhante à obtida pelos técnicos brasileiros. Com esta observação foi posto ponto final no rumoroso incidente

e Ferreira da Silva generosamente estendeu as mãos aos colegas de além-mar.

Desde então o nome de Ferreira da Silva tornou-se, para nós, alvo de grande admiração e respeito. Fundando em 1905 com Alberto de Aguiar e Pereira Salgado a «Revista de Química Pura e Aplicada», ainda mantida pelo idealismo do Professor Abílio Barreiro, mais íntimas se tornaram as relações entre portugueses e brasileiros.

Em 1914 deixando a Alemanha, onde me achava em viagem de estudos, desembarquei em Portugal. Realizava um grande sonho, isto é, conhecer pessoalmente o timoneiro da química lusitana. Os nossos encontros me porporcionaram momentos de grande encantamento. Conversávamos horas a fio como se fôssemos velhos amigos apenas separados por uma ausência prolongada. O que mais me impressionou em Ferreira da Silva, além dos seus dotes de espírito, foi a lhanza de trato. Era uma alma aberta, transparente.

Ao despedir-me solicitou a minha intervenção para um perfeito consórcio dos químicos de Portugal e do Brasil. Aqui chegando empreguei o melhor dos meus esforços para levar a bom termo a aproximação desejada. Graças ao acolhimento aqui encontrado inúmeros brasileiros ingressaram na Sociedade Portuguesa de Química.

Razão tinha Araújo Jorge, nosso embaixador, quando ao inaugurar a «Sala Brasil» na Universidade de Coimbra, com a sua palavra fluente e culta sentenciava: «Donos de uma língua opulenta, sonora, harmoniosa, destinada a ser falada num vasto império e a constituir um dos mais poderosos instrumentos de civilização da humanidade em futuro próximo, senhores de um património comum de virtudes cívicas e morais de que poucos países se podem orgulhar, depositários de uma heróica tradição de glória que forma o mais puro brasão da raça, portugueses e brasileiros só necessitam compreender-se melhor para poderem realizar sua missão histórica e civilizadora. Só assim ambos os povos, cônscios de suas graves responsabilidades, serão dignos dos seus maiores, só assim merecerão as bênçãos das gerações vindouras. Deu-nos a Providência dois dos mais formosos países da terra: façamos que a obra do homem esteja à altura da obra de Deus».

Ferreira da Silva conhecendo, como poucos, a nossa terra e a nossa gente aquilatou a necessidade dessa simbiose e dos benefícios dela decorrentes. Ele estava intimamente ligado ao Brasil não só pelo interesse da nossa cultura como também pelos laços afectivos. O ano de 1889 foi decisivo na sua carreira gloriosa. Visitando o Brasil sentiu a necessidade de construir um lar e levou para sua companhia um dos ornamentos da nossa sociedade. A vida do casal foi um modelo de afecto, de compreensão, de ternura, de incentivo, de amparo e não raras vezes de renúncias. O seu dilecto discípulo Alberto de Aguiar do qual conservo uma grata lembrança «essa memória do coração» informava-nos: «Não se preocupava consigo, com o seu descanso, com os prazeres mundanos e até, caso estranho e talvez único, com a nupcialidade que firmou em 1880. Encerra-se no laboratório onde passa dias e quase noites, acumulando tesouros de saber que espargiu pela vida fora dando ao Porto o orgulho de ser o fulcro de toda a química portuguesa».

Assumindo a direcção do Laboratório Municipal do Porto em 1884 Ferreira da Silva com o seu talento polímorfo, com o seu incrível dinamismo, pôde oferecer ao mundo científico os frutos de uma seara fecundíssima.

Waldo Emerson, filósofo norte-americano, opinava: «Uma grande instituição é a sombra ampliada de um homem». Por isso, quando a política estrábica da Câmara Municipal da cidade do Porto fechou o seu laboratório destruindo um núcleo de trabalho e investigação praticou um acto inominável. Tirou ao Mestre a sua oficina, isto é, um pedaço da sua vida e ainda tentou enlamear um nome que era um padrão de glória da sua Pátria. O impacto destruiu a armadura do batalhador, porém, não o imobilizou. Continuou combatendo. Publicou em defesa da sua causa uma documentação esmagadora. Felizmente, de Portugal e de todo o mundo culto recebeu Ferreira da Silva as maiores demonstrações de solidariedade. A ingratidão é a moeda como são pagos os grandes benfeitores da humanidade. Aí estão os exemplos de Marcelo Malpighi, de George Washinton, Chalotais, Ruy Barbosa e tantos outros. Paraninfando uma turma de alunos eu os advertia com estas palavras: Os homens ocupam às vezes muito espaço no mundo. Semelham-se às grandes árvores. Ensombream a terra impedindo o

crescimento das plantas rasteiras. Daí o despeito dos medíocres e dos rábidos impenitentes.

Embora com as feridas sangrando do golpe insidioso o Mestre ainda pôde reagir, mas, quando perdeu a doce companhia de 42 anos de lutas os seus nervos se afundaram numa anarquia irre-mediável. Tentou um supremo esforço e poderia exclamar como Frei Francisco de Monte Alverne ao se despedir do púlpito. É tarde! É muito tarde! Compreendeu que lhe haviam tirado quase tudo e silenciosamente entregou o pouco que lhe restava, — A Vida —.

Fazendo o necrológio do Mestre na Sociedade Brasileira de Química chamei-o de Berthelot português. Não havia na afirmação a menor sombra de exagero. Ambos assombraram o mundo pela produtividade nos diversos sectores por onde passaram, ambos fizeram escola e deixaram discípulos tornados famosos. Até na desdita se igualaram, pois, entregaram as almas a Deus ao sentirem o desamparo das criaturas que lhes perfumaram a vida.

Quando Ferreira da Silva desapareceu, o meu sábio amigo Cardoso Pereira cuja saudade «essa presença dos ausentes» ainda me aflige dizia-me: «É um grande claro que se abre entre os cultivadores da química em Portugal e não vejo quem possa substituí-lo».

Ainda agora passados tantos anos da morte do meu inolvidável Mestre, pois, muitas vezes me socorri das suas lições, faço minha a frase de Fernando de Magalhães, «organista nato da palavra». «A mágoa embora profunda e grave dilui-se mercê do tempo no consolo da recordação».

De Ferreira da Silva poder-se-ia repetir o pensamento de Gerard de Nerval cultuando a memória de Teófilo Gautier: «il n'a causé d'autre chagrin à ses amis que celui de sa mort».

Sursum corda.

Julho, 1953.

LUÍS FARIA.